

Apresentação

Rosália Diogo*

Sou apaixonada por textos poéticos há muito tempo. Mas, como a maioria dos que estão em minha faixa etária, as poesias clássicas eram as mais acessadas. Sendo assim, iniciei o contato com a produção literária de negros e negras com mais afinco na última década. Comecei a observar os versos e prosas das mulheres negras de maneira muito mais restrita, se comparada aos que foram produzidos por homens. Os *Cadernos Negros* são uma publicação que possibilita uma oportunidade ímpar para tomarmos ciência e nos degustarmos das letras de homens e mulheres negras, mas não é um material de grande circulação, infelizmente.

Confesso que me aproximei dos escritos desses *Cadernos* quando eles já existiam há quase duas décadas, e me tomei de emoção e alegria em ver neles as escritas de algumas mulheres negras. Comecei então a pesquisar um pouco sobre as histórias de vida delas e

quando iniciei o doutorado, em 2009, caí deliciosamente nos braços desta vertente da poesia feita no Brasil que alguns nomeiam como literatura afro-brasileira ou literatura negra.

Ao me aproximar dessas produções e, em especial, das que têm sido produzidas pela ótica feminina/mulher, fiquei arrebatada, entre outras, com a poesia de Cristiane Sobral. A partir daí, comecei a incluir seus poemas em minhas citações verbais e textuais. As pessoas em meu entorno, que até então não conheciam as suas letras, buscaram saber de quem se tratava e muitas começaram a compartilhar os textos de Sobral. Por que “consumimos” Sobral com tanto interesse?

Os motivos creio, são vários, mas a sua língua e textos são afiados para combater as tessituras machistas e racistas que entremeiam o tecido social brasileiro. O primeiro poema de Cristiane Sobral que me tocou absurdamente foi “Não vou mais lavar os pratos”. Depois me senti igualmente tocada com “Pixaim Elétrico” e tantos outros.

A poeta não economiza tinta e perspicácia para ferir mortalmente aquele que pratica a discriminação, o preconceito, o machismo, o racismo e a homofobia. Com doçura, ela tece os seus versos também para falar da maternidade. Com a mesma matéria lírica, por vezes ela ferozmente condena quem se atreve a desdenhar do cabelo do negro e da negra. Ela escreve sobre a política de discriminação que engendra a

ERROR: ioerror
OFFENDING COMMAND: image

STACK: